ANTI CAPITALISTA

N.º 39 (SÉRIE II) – MAIO 2021

RESISTÊNCIA CONTRACULTURAL
P.P 04 E 05

ANTIFASCISMO: VIMOS DE LONGE, VAMOS PARA LONGE
P. 06

mais maio depois de abril

OS PIGMEUS DO "BOULEVARD"

Em letra ritmada pelo samba, Chico Buarque, em "Vai passar", falou de um desfile com pouca memória. Um cortejo de indiferentes, menos por incúria do que por distração, para com os males da história e dos seus esquecidos: as "tenebrosas transações" sob as quais se sucederam a escravatura, o racismo, as cadeias de opressão cuja continuidade, com mais ou menos chicote, vêm desde longe e chegam ao nosso tempo.

Não há nem nunca houve tempo indiscutível ou épocas consensuais, como nunca houve história sem vítimas. Quando Chico Buarque reivindica, em modo samba, a "alegria fugaz" proporcionada, no Carnaval, aos filhos esquecidos do império, chama ao presente e ao juízo do presente um passado em cuja chave reside parte considerável do tempo de desigualdades que é o nosso. A história não é um desfile, que se aplaude, que se celebra ou que se lamenta na comodista posição de espetador apartado.

A ironia – "palmas p'ra ala dos barões famintos" – é um gesto crítico de recuperação do passado, um dos possíveis para que este se torne legível. Hoje, quando se anuncia, com gáudio democrático e alguma polémica, o designado "Movimento Europa e Liberdade", agregando numa mesma iniciativa a velha direita, a nova direita e diversos quadrantes de zelotas das virtudes da democracia liberal, retoma-se num mesmo impassível desfile, a instrumentalização da liberdade na camuflagem dos interesses e das agendas de ambição. A pretensa federação da direita, a julgar pelas forças que se propõe federar, confirma a ideia de que estrategas dos regimes de privilégio nunca desfilam sós.

Canta Chico Buarque: "Palmas pra ala dos barões famintos/ O bloco dos napoleões retintos/ E os pigmeus do Boulevard". A ironia aplaude o que maio trata de rejeitar, no ímpeto de um combate popular que não abdica do juízo histórico e da sua integridade plena, cheia de presente e passado, porque carregada de futuro.

Esta é uma publicação da ***Rede Anticapitalista***, em que se juntam militantes do ***Bloco de Esquerda*** que se empenham nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 *Editorial*
Os pigmeus do "boulevard"

3 O trabalho que não o era mas sempre o foi
Andrea Peniche e Mafalda Brilhante

4 Uma história de resistência contracultural nos anos de consolidação do neoliberalismo
Hugo Monteiro

6 Antifascismo: vimos de longe, vamos para longe
António Figueira e Sofia Lopes

7 O interregno americano-Entrevista a Nancy Fraser

8 Leituras
Os rapazes de Nickel,
Colson Whitehead

8 Escutas
Assembly
Joe Strummer
Técnicas de Combate
Luta Livre

8 Acontece

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Hugo Monteiro
Leonor Figueiredo
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Capa
Leonor Figueiredo

Participaram nesta edição
Andrea Peniche
António Figueira
Adriano Campos
Hugo Monteiro
Leonor Figueiredo
Mafalda Brilhante
Sofia Lopes
Tatiana Moutinho

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

O TRABALHO QUE NÃO O ERA MAS SEMPRE O FOI

ANDREA PENICHE E MAFALDA BRILHANTE

Maio rima com direito ao trabalho com direitos. Levar esta consigna a sério tem de implicar a reconfiguração do conceito de trabalho. Há várias décadas que o movimento feminista critica a versão clássica e dualista (produtivo/reprodutivo) do conceito de trabalho, porque ela não abrange, por um lado, uma parte significativa do trabalho das mulheres (o que é desenvolvido no setor informal da economia e no espaço doméstico, por exemplo), e, por outro lado, porque contribui para invisibilizar e desvalorizar o trabalho doméstico e dos cuidados, tornando-o ausente do debate e das reivindicações sindicais, sociais e políticas.

Não é indiferente para o modo como interpretamos o mundo e o queremos transformar termos em conta que as mulheres assalariadas acumulam, aos dias de semana, em média, mais 4h23 de trabalho doméstico e de cuidados, o que perfaz uma jornada diária de trabalho de quase 12h30[1]. Não é indiferente para as propostas que fazemos termos presente que, para trabalho igual ou equivalente, em média, em 2020, as mulheres receberam menos 14,4% de salário, correspondendo essa diferença, simbolicamente, a 51 diais de trabalho não remunerado. Não é indiferente, quando discutimos políticas salariais e pobreza, sabermos que a divisão sexual do trabalho existe e que implica uma valorização desigual do trabalho dependendo de quem o desempenha ou que a esmagadora maioria das famílias monoparentais são femininas.

Em Portugal, as mulheres estão na base da pirâmide salarial. Representam 46,2% da força de trabalho assalariado da economia formal e 51,1% das pessoas que ganham o salário mínimo. Esta estratificação explica porque tem a pobreza rosto feminino, já que os dados nos dizem que as mulheres são 54% da população em risco de pobreza, 51% das pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção, 70,3% das pessoas que recebem o Complemento Solidário para Idosos, 81,6% das pessoas a receber a Pensão de Sobrevivência, tornando-se claro que, se nada for feito, este presente será também o futuro.

Mas a desigualdade não existe apenas no mundo do trabalho assalariado. A identificação do trabalho com o trabalho assalariado conduz, aliás, a uma enorme injustiça histórica, a de que há um grupo de mulheres, as domésticas e as que cuidam, que não trabalha. Ainda é demasiado comum a identificação do trabalho doméstico e dos cuidados com não trabalho, apesar de o recente debate sobre cuidadoras informais ter aberto novas perspetivas e infletido um pouco esta tendência. Sabemos hoje que o trabalho reprodutivo não remunerado, desempenhado esmagadoramente por mulheres, tem um valor económico correspondente a 9% do PIB mundial, e que em Portugal, onde em cada cinco cuidadores quatro são mulheres, os cuidados informais não remunerados representam 4 mil milhões de euros anuais[2]. O trabalho doméstico e dos cuidados tem valor (económico e social), mas não conta como trabalho, fazendo com que quem o desempenha permaneça na penumbra do reconhecimento e dos direitos, nomeadamente ao descanso e à proteção social (presente e futura).

No país em que vivemos, o debate sobre a conciliação entre o trabalho assalariado e as responsabilidades domésticas continua a ser dirigido às mulheres, contribuindo para enraizar a ideia de que essas são responsabilidades femininas.

Se não reconfigurarmos o conceito de trabalho e nele incluirmos todo o trabalho – formal e informal, assalariado e não remunerado, no espaço público e no espaço doméstico –, nunca conheceremos a realidade e não seremos capazes de propor políticas justas.

A fronteira entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo é como todas as fronteiras: uma ficção. Reconfigurar o conceito de trabalho responde não apenas às mudanças ocorridas na organização e distribuição do trabalho disponível – da uberização ao teletrabalho –, como abre espaço para corrigir uma injustiça histórica, trazendo para a discussão do Estado social e dos direitos um conjunto significativo de pessoas até agora ausente. É uma tarefa exigente e nem todos os setores estão mobilizados para ela, porque ela obriga a pensar o trabalho de uma forma nova e a igualdade como mais do que uma abstração. E, por isso, é uma tarefa que tem de ser feita com muitas mãos, articulando diversos movimentos sociais na construção da resposta.

1 Heloísa Perista *et al*. (2016). *Os usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal*. Lisboa: CESIS e CITE.

2 Soeiro, José; Araújo, Mafalda e Figueiredo, Sofia (2020). Cuidar de quem cuida. História e testemunhos de um trabalho invisível. Um manifesto para o futuro. Lisboa: Objectiva, p. 209.

UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA CONTRACULTURAL NOS ANOS DE CONSOLIDAÇÃO DO NEOLIBERALISMO:

DON LETTS, OS CLASH E A MÚSICA COMO CONTRAPODER

HUGO MONTEIRO

Talvez nada como a música tenha registado e eternizado, para grandes massas, as emergências do tempo, as formas não hegemónicas de expressão, as identidades emergentes, em debate com as inculcações valorativas dos poderes. Talvez por isso mesmo, enquanto arte popular, formativa e identitária, debata-se com a sua docilização: pela indústria, pelo mercado, pela conversão ao capital.

No recentemente publicado There and black again, o músico cineasta e agitador cultural Don Letts, jovem racializado na Inglaterra que preparava os anos Thatcher, fornece um instantâneo do seu tempo. Ainda antes da sua relativa notoriedade, a figura de Letts massificou-se através de uma fotografia tirada por Rocco Macally, nos motins de 1976 em Notting Hill, em que surgia em pose de aparente desafio face ao aparato policial. A foto serviu de capa a um álbum dos The Clash, banda cujo percurso foi acompanhando a par e passo. Foto e música refletem-se, como uma espécie de ilustração do racismo sistémico, que proliferava nos anos 70.

LETTS E OS CLASH

Letts reitera, no livro, o peso quotidiano do racismo nos seus anos de formação através de uma curiosa confrontação com o que, na mesma época, se vivia nos EUA, na sequência das lutas pelos Direitos Civis. Afirma Letts que, "no Reino Unido, tínhamos racismo sistémico, mas não racismo legal". A sinuosidade desse mesmo racismo, próximo daquele que hoje combatemos, impõe a centralidade do combate contracultural na luta antirracista. Um combate pelo senso comum, em que as alianças são necessárias e o "lugar de fala" precisa de dispositivos de disseminação. A proximidade entre Letts, jamaicano de segunda geração na Londres suburbana dos anos 70, e os Clash, banda de ingleses brancos que integram, intencionalmente, discurso antirracista com a influência da música negra, descreve uma história contracultural de resistência, irrepetível em si mesma, mas capaz de ilustrar um combate contra a estabilização dos discursos de polarização, que naturalizam e favorecem sistemas de desigualdade ao nível das classes populares.

CULTURA E CONTRACULTURAS

Os Clash surgem na cena cultural inglesa no contexto de uma crise social e política de grandes proporções no Reino Unido. Quando a banda é fundada, em 76, o governo trabalhista lidava com uma crise de Finanças Públicas e com uma escalada de descontentamento transversal às classes trabalhadoras britânicas, que a extrema-direita tentava capitalizar a seu favor. O descrédito generalizado da classe política, com a descrença nas instituições e processos democráticos associada à rejeição xenófoba e

racista das minorias, arriscava a tornar-se sistémico e a reavivar o espectro do fascismo. Por esta altura, também, o movimento punk era uma das respostas culturais que, entre jovens, traduzia um pessimismo generalizado quanto a um presente sem esperança e 'sem futuro'. Todo o período de atividade dos Clash acompanha este momento de reorganização do cenário político, que confluirá na ascensão e consolidação do poder de Thatcher, em Inglaterra, e de Reagan, nos Estados Unidos, corolários simbólicos de uma hegemonia neoliberal triunfante e mundializada. O quotidiano das pessoas mais pobres foi, tal como em outras épocas, a cartografia palpável deste cenário de disputa, onde a população mais jovem, na ressaca dos sonhos perdidos de 60, lutava com a aridez de uma realidade desencantada.

ISTO TEM EFEITOS!

Fazendo nota disto mesmo, a BBC, em 78, transmitia um episódio de "Something Else", programa televisivo juvenil em que se realizou um conjunto de breves entrevistas de rua a jovens britânicos/as, dando razões para o seu desapego a uma política que os não representava. Aparentemente, as respostas não seriam muito diferentes se as entrevistas tivessem sido feitas hoje, com a verbalização do distanciamento entre política e quotidianos concretos, com a identificação da classe política à corrupção e com uma sensação de recusa generalizada de tudo o que ao político dissesse respeito.

Já em estúdio, outros/as jovens comentam as entrevistas, com participação especial de Joan Lestor, deputada do Partido Trabalhista, e dois dos fundadores dos Clash, o baixista Paul Simonon e o vocalista Joe Strummer.

No decurso da discussão, em que os/as intervenientes interagem ante a desmotivação para com os mecanismos da política formal (que Strummer classifica como "entediante"), Paul Simonon expressa preocupação com o crescimento da extrema-direita entre jovens, ante a ineficácia dos tradicionais discursos de esquerda. Desafiado por Joan Lestor a apontar uma solução, o baixista foca a intervenção específica dos Clash, quando levam a palco Reggae e música negra. "– Isto tem efeitos!", realça Simonon.

O POPULAR CONTRA O POVO

Na análise de Stuart Hall, o thatcherismo inscreveu-se e consolidou-se como "força material e ideológica na vida quotidiana das pessoas comuns" (The hard road do renewal). Considerando Thatcher – ou, acrescentaríamos, considerando exemplos de governação neoliberal temporal e espacialmente mais próximos –, a legitimação popular não pode ser analisada pela simples polarização entre conservadores e progressistas. O "populismo autoritário" de Thatcher demonstra isso mesmo, quando a capacidade de "rotura popular" se transforma em "unidade populista", por estratégias e dispositivos de docilização ideológica fulcrais na história do neoliberalismo. São estes dispositivos que permitem não apenas naturalizar situações de exploração laboral, ou atropelo de direitos fundamentais, como cavalgar a ilusão de um interesse comum e agregador, que ultrapassa conflitos e que nivela empresa, Estado (ou o Estado como empresa) na salvífica "cooperação" entre governantes e governados. No caminho deste processo de neutralização de conflitos surge, ao mesmo tempo, o punho de ferro do poder disciplinador do Estado e o canto de sereia da ordem, que premeia o subalterno e glorifica o detentor do mérito. É precisamente a capacidade de conjugar estes dois tabuleiros que, hoje, permite a aliança ou fusão de uma nova extrema-direita com a tradicional direita, de raiz conservadora e liberal. A réplica impõe-se, em todas as frentes, e é também cultural.

CONSTRUIR RÉPLICA E CRIAR DISSONÂNCIA

O gesto de olhar para trás, por Don Letts, não deixa de proporcionar a história de uma tentativa de rotura com a imposição de uma ordem de mundo. Mostra-nos processos de afirmação de identidades proscritas, com a construção de formas de expressão alternativas e improváveis, face à instalação triunfal de uma norma opressora. Sem qualquer didatismo, sem querer transportar para os dias de hoje contextos irrepetíveis, destaca-se o modo como uma (contra)cultura permite, contra os processos de homogeneização da grande indústria, ensaiar outras formas de pensar, de exercer curiosidade e de resistir ao cansaço do tempo, com formas outras de expressão política, de tradução de quotidianos concretos nas suas próprias linguagens. Os processos assimiladores do mercado são, aqui, mais um ponto de interesse do que um desenlace, quando a dissonância e o dissenso, apesar de tudo, criam bolsas de resistência, mantêm a vivacidade e – tal como Letts, negro de Brixton, tal como os Clash, contestatários londrinos – não desistem de falar por si mesmos, de organizar alianças e de proporcionar o imprevisível. Para além da rigidez da instituição, a música pode ser um indomável contrapoder e um antídoto de rebeldia inventiva contra o fatalismo opressor.

ATUALIDADE

ANTIFASCISMO: VIMOS DE LONGE, VAMOS PARA LONGE

ANTÓNIO FIGUEIRA E SOFIA LOPES

A história nunca se repete, a não ser como comédia ou como tragédia. As crises do capitalismo sucedem-se, mas são diferentes umas das outras, pois nenhuma crise repete as circunstâncias histórias da crise que a sucedeu. Felizmente, podemos contar com o apoio da memória: o povo sabe bem o que é o fascismo, apesar da desmemória que o neoliberalismo implica e compele.

Mas a história ensina-nos também que a atualidade tem algumas parecenças com a primeira crise do sistema liberal na transição do século XIX para o século XX, que terminou com o início do período dos fascismos. Encontramo-nos numa nova crise sistémica que ameaça as taxas de acumulação e de lucro do capital, obrigando a uma mudança de estratégia do capitalismo no sentido da sua recuperação, uma ofensiva apresentada com características neoliberais e autoritárias. Vemos então, progressivamente, o fomento do desemprego, o fomento da precarização do trabalho, o aumento do trabalho não pago, enfim, uma grande ofensiva orquestrada contra os direitos do trabalho. Na época dos fascismos vimos que esta ofensiva criou as condições perfeitas para o casamento de duas realidades muito diferentes, um ponto de encontro e compromisso dos setores das classes dominantes que se fascistizavam e os movimentos fascistas populares – o fascismo conservador e o fascismo plebeu.

Esta análise histórica pode-nos ajudar a traçar caminhos e a equacionar o problema, o primeiro passo necessário para o começar a resolver. Ainda hoje, seria um erro pensar no fascismo como apenas uma resposta das elites a uma ameaça revolucionária, mas também como uma expressão desesperada de uma crise de alternativa ao atual estado a que isto chegou (lembrando Salgueiro Maia). Este ataque violento do grande capital cria diversas crises: uma crise de legitimidade e representatividade, uma crise do sistema partidário e uma crise de adequação do Estado. Faz-nos questionar os nossos valores e tenta-nos a procurar outros caminhos, acreditando, timidamente, que podem conter a resolução dos nossos problemas. Com isto vem o medo, o machismo, a xenofobia, o racismo, o antissocialismo e a antidemocracia, resultados diretos da individualização dos problemas que resultam das crises sistémicas, e do incentivo à divisão e falta de solidariedade entre classes oprimidas.

A resolução do problema pode muito bem começar com esta reflexão. Compreender a relação siamesa que o neoliberalismo tem com o novo populismo de extrema-direita, repensar e lutar contra as prioridades atuais do capital financeiro e aprender muito com a realidade dura que a história nos pode ensinar. A urgência desta luta tem que se refletir na criação de movimento social, que pode e deve impulsionar uma oposição forte às crescentes discriminações sociais, de classe, sexuais e raciais. E os nossos representantes no parlamentarismo liberal devem puxar esta agenda antifascista, unindo-se com os nossos aliados da restante esquerda socialista. A ação política conjunta e a relação entre o movimento social e o partido deve, portanto, ser reforçada e sublinhada.

Resta-nos, então, uma reflexão acerca daquilo que nos ameaça e um motim contra aquilo que nos restringe. Porque urge, da fossa que o neoliberalismo criou no Estado Social e da qual renascem os fascismos de outro século, a necessidade de criar uma frente que se firma nos diferentes campos da sociedade e na qual depositamos o aprendizado de outras lutas. Resta-nos um impulso do movimento social, que surja das bases e que se alicerce nos projetos políticos que construímos e nos quais acreditamos. Resta-nos aprender com a luta feminista, com a luta antirracista, com a luta LGBTQ+ e com a alternativa anti-capitalista que o movimento climático desenha nas ruas e nos espaços de debate. Que a luta anti-fascista seja não só a irreverência do movimento LGBTQ+, mas também o ímpeto das mulheres feministas, o fulgor da luta antirracista a rejuvenescência do movimento climático. A luta antifascista vai ser o ponto de convergência de tudo isto. Um grito de mudança que não deixa ninguém para trás, pronto para fazer a luta toda.

O INTERREGNO AMERICANO

ENTREVISTA A NANCY FRASER POR ALESSANDRA SPANO, PARA A NEW LEFT REVIEW

Que tendências vê surgirem das crises social, sanitária e económica produzidas pela Covid-19? O que nos dizem as reconstruções pós-pandemia acerca da "crise dos cuidados"?

Quer a pandemia, quer as respostas à pandemia representam a irracionalidade e a capacidade de destruição do capitalismo. A crise dos cuidados já era evidente antes do aparecimento da Covid, mas foi grandemente exarcebada por esta. A condição pré-existente, por assim dizer, foi o capitalismo financeirizado - a forma particularmente predatória que tem dominado os últimos quarenta anos, erodindo progressivamente as nossas infra-estruturas públicas dos cuidados através do desinvestimento em nome da "austeridade». Mas, de facto, qualquer forma de sociedade capitalista funciona permitindo que o[s] negócio[s] vão à boleia do trabalho de cuidados não remunerado. Ao subordinar a produção de trabalho à obtenção de lucros, estas sociedades albergam uma tendência auto-inscrita para a crise social e reprodutiva.

Mas o mesmo se aplica à actual crise ecológica [climática], que reflecte uma dinâmica estrutural profunda fazendo com que o capital parasite livremente a natureza, sem pensar em reparação ou (re)aprovisionamento, desestabilizando periodicamente os ecossistemas e as comunidades que sustentam. O mesmo se aplica à nossa actual crise política, que reflecte o severo enfraquecimento dos poderes públicos pelas mega-empresas, pelas instituições financeiras, pelas revoltas fiscais dos ricos e que resultam num impasse e sub-investimento nas infraestruturas essenciais. Apesar de esta situação ter sido particularmente agravada pela neoliberalização [pelo neoliberalismo], ela exprime uma tendência para a geração de crises políticas que se encontra fortemente enraizada em todas as formas de sociedades capitalistas. A crise dos cuidados está inextricavelmente interligada a outras disfunções - ecológicas, políticas, etno-raciais - que [se] somam a uma crise geral da ordem social.

Os efeitos da Covid para o ser humano teria sido horrível em qualquer circunstância. Mas foram piorados pelo facto de, neste período, o capital ter canibalizado o poder público - as capacidades colectivas que poderiam ter sido utilizadas para atenuar os efeitos da pandemia. Consequentemente, a resposta tem sido comprometida em muitos países, incluindo nos EUA, por décadas de desinvestimento em infraestruturas de saúde pública cruciais.

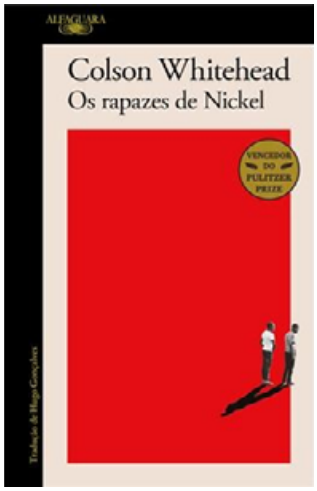
Nos EUA existe uma tendência para culpar o Trump. Mas isso é um erro. O desinvestimento já dura há décadas.

Durante a administração Clinton nos anos noventa foram dados os primeiros passos neste sentido.

Sim, toda uma série de administrações dos EUA, democratas e republicanas, desinvestiram em infraestruturas de saúde pública essenciais. Destruíram reservas de equipamento essencial, como os equipamentos de protecção individual (EPI), ventiladores e máscaras, esgotaram estruturas absolutamente essenciais - rastreamento de contactos, armazenamento e distribuição de vacinas - e subfinanciaram instituições fundamentais, como centros de investigação, hospitais públicos, unidades de cuidados intensivos, agências de saúde governamentais. Os cientistas chamaram a atenção para a possibilidade de mais uma epidemia viral, mas ninguém prestou atenção. Assim, quando a Covid chegou, os Estados Unidos estavam terrivelmente impreparados. Praticamente não possuíamos capacidade de rastreamento de contactos - e ainda não temos, mais de um ano depois. As autoridades de saúde pública não possuíam, simplesmente, capacidade de organizar tais rastreios e ainda não conseguimos criar tal capacidade.

(continua online)

LEITURAS



OS RAPAZES DE NICKEL

Colson Whitehead
2019 | 248 páginas
Alfaguara
PVP: ± 16 Euros

Ao longo desta narrativa acompanhamos Elwood, jovem negro dos subúrbios dos EUA, nos anos 60. O quotidiano de Elwood, repartido entre os cuidados da avó Harriet, as tarefas e descobertas escolares e o trabalho em part-time, era nutrido pela curiosidade e desejo de saber. Entre a progressiva tomada de consciência da sua realidade de jovem racializado de classe operária numa sociedade em ebulição, seduzido pelo magnetismo de Martin Luther King, cujos discursos ouve de forma recorrente, Elwood descobre a luta pelos Direitos Civis, numa adesão temperada pelos sonhos de prosseguir estudos e de explorar as opções permitidas pelo seu trabalho e talento. Um incidente de mero acaso leva à interrupção do percurso de Elwood, levando-o a conhecer na pele a violência e a indignidade racistas, nas práticas opressivas de um reformatório para jovens. É esta realidade que é descrita e denunciada, revelando uma face desconhecida do racismo institucional no quotidiano de instituições de correção juvenis.

Extraordinariamente bem escrito, este romance de Colson Whitehead transporta-nos para o interior dos territórios discriminatórios da injustiça, que herdamos no concreto presente mas que se formam nas zonas mais invisíveis da história. Hugo Monteiro

ESCUTAS

ASSEMBLY

Joe Strummer (2021)
PVP: ± 30 Euros (vinil)

Continua a ser revelado o arquivo do carismático Joe Strummer, na sua carreira a solo ou com projetos alternativos aos Clash, que o notabilizaram. Esta coletânea recolhe e/ou proporciona novos tratamentos de temas inultrapassáveis no reportório de Joe Strummer, como "Coma Girl" ou "Johnny Appleseed", mas também faixas utilizadas em bandas sonoras de filmes ("Love Kills") ou versões ao vivo de temas clássicos dos Clash, como "Rudie can't fail". A busca permanente de Strummer, com incursões pelo blues, pelo reggae ou pelo soul, é coerente com o perfil criativo de alguém que via na música um instrumento de ação e de ensaio para uma sociedade livre e diversa. Hugo Monteiro

TÉCNICAS DE COMBATE

Luta Livre (2021)
PVP: ± 11 Euros (CD)

O território clássico da chamada "música de intervenção" reinventa-se, neste projeto de Luís Varatojo, cujo percurso passou pelos Peste & Sida, A Naifa ou Fandango. O reportório passa pela apologia do associativismo, pela agenda das questões climáticas, pelo capitalismo de plataformas ou pela gentrificação, que Varatojo aborda em letras inteligentes e com uma muito curiosa mistura de influências musicais. O hip-hop ou o jazz são formas de intensificação de uma mensagem afirmativa, comprometida e dirigida ao coração das grandes disputas do tempo. De realçar ainda o cuidado na edição, em que o trabalho visual projeta e amplifica o conteúdo do álbum, não apenas com a colagem da capa, da autoria de João Pombeiro, como nos videoclipes, disponibilizados online e constituintes de toda a dimensão performativa do trabalho. Hugo Monteiro

ACONTECE

CONTRA-CIMEIRA DA RESISTÊNCIA, DO INCONFORMISMO E DA SOLIDARIEDADE: "STOP PRECARIEDADE, STOP POBREZA"

Porto, 6 e 7 de Maio

Enquanto na Alfândega do Porto se realiza uma Cimeira oficial promovida pelos mesmos poderes europeus que têm sido conformistas relativamente ao agravamento da pobreza e coniventes com a manutenção de um modelo de trabalho assente na pobreza assalariada e na precariedade, o Bloco de Esquerda promove uma contra-cimeira social, para juntar outras vozes que não olham para esta realidade com o fatalismo dos conformados e que têm contribuído para as redes de resistência e de solidariedade contra a crise.

EXTREMA-DIREITA: A HISTÓRIA REPETE-SE?

14 de maio | 14h30 - 18h

Nos últimos anos, o preocupante avanço da extrema-direita tem convocado a necessidade de reflexão, investigação e intervenção. Atingindo até países que a ela se julgavam imunes, como Portugal e Espanha, este avanço convoca o olhar crítico da História sobre o presente e o passado. Nesta sessão discutem-se as reconfigurações da extrema-direita, o contexto da sua expansão, as suas características, agendas e discursos, com vista a contribuir para uma intervenção política e social mais qualificada em defesa da democracia e da igualdade.

CONTACTOS

email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**